

ENTREVISTA

Entrevista com o escritor Mauro Rego

Tenyse Pinto Meneses Santos¹

Naiara Sales Araújo Santos²

O escritor Mauro Bastos Pereira Rêgo nasceu em 15 de fevereiro de 1937, em Anajatuba, Maranhão, filho de Anastácio Pereira Rêgo e Maria Bastos Rêgo. Realizou seus estudos iniciais no Seminário de Santo Antônio e posteriormente na antiga Escola Técnica de São Luís, atualmente Instituto Federal do Maranhão (atualmente IFMA), onde se formou como técnico em edificações em 1957. Na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), obteve licenciatura em Pedagogia e Supervisão Escolar em 1957. Concluiu o curso de Letras na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e especializou-se em Língua Portuguesa pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO).

No município de Codó, Maranhão, Rêgo teve uma participação significativa na implantação do ensino médio a partir do Colégio Magalhães de Almeida em 1965, instituição que dirigiu por muitos anos. Embora atualmente desativado, este colégio foi o primeiro estabelecimento de nível médio em Codó. Em reconhecimento aos seus serviços prestados aos municípios, foi agraciado com títulos de cidadania em Codó e em Itapecuru Mirim.

Mauro Rêgo (1937-) lecionou em diversos colégios nas cidades de São Luís, Codó, Itapecuru Mirim e Anajatuba. É membro de várias academias de letras, incluindo a Academia de Letras dos Funcionários do Banco do Brasil, no Rio de Janeiro (atualmente desativada), a Academia Maçônica Maranhense de Letras, em São Luís, a Academia Anajatubense de Letras, Ciências e Artes (ALCA), em Anajatuba, e a Academia Itapecuruense de Ciências, Letras e Artes (AICLA). Além disso, é correspondente da Academia Vargem-grandense de Letras e Artes (AVLA), em Vargem Grande.

Atualmente, Mauro Rêgo é amplamente reconhecido como a maior referência na preservação da memória sociopolítica e econômica do município de Anajatuba. Possui um

¹ Mestre em LETRAS pelo PPGLB UFMA pelo Programa de pós-graduação em Letras-Bacabal; Graduação em Licenciatura em LETRAS, Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas pela Universidade Estadual do Maranhão, UEMA, São Luís, Brasil. Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão, UEMA.

² É docente do Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Federal do Maranhão. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Ensino de Línguas Estrangeiras e Maternas, Literatura Brasileira e Anglófona, Literatura e outras artes, Literatura Especulativa, Ficção Científica e Literatura Fantástica. É líder do Grupo de Pesquisa FICÇA (Ficção Científica, Gêneros Pós-Modernos e Representação Artística na Era Digital), coordenadora dos Projetos de pesquisa Ficção Científica e Sociedade (UFMA) e Literatura e outras Artes (UFMA) e coordenadora do projeto de extensão Línguas e Cultura do Maranhão.

repertório vasto e diversificado em literatura, abrangendo poesia, contos fantásticos, crônicas, bem como a história e geografia locais.

Em 1984, em celebração ao 130º aniversário da cidade de Anajatuba, Mauro Bastos Pereira Rêgo compôs a poesia intitulada *Hino ao 130º Aniversário de Anajatuba*. Esta obra está incluída em seu livro de poesias *Ganzola*, publicado em 1987. Subsequentemente, esta poesia foi selecionada como o Hino Municipal de Anajatuba, devido à sua adequação para representar a cidade.

Anajatuba ocupa um papel central na produção literária de Rêgo. Seu corpus literário inclui livros de poesia como *Taça Vazia* (1982) e *Ganzola* (1987); um livro de história e geografia da cidade, intitulado *Santa Maria de Anajatuba* (3 ed., 2023); uma coleção de contos denominada *Os Fantemas do Campo*, volumes I (2 ed., 2018) e II (2009); e um livro de crônicas, *As Crônicas de Anajatuba* (2020).

ENTREVISTA

1. Que obras/escritores fizeram/fazem parte de sua trajetória literária, influenciando desde sua infância em seu processo de leitura e escrita?

Sempre gostei de ler. Na minha infância, por influência de amigos, li obras de Alexandre Dumas (*Os 3 mosqueteiros* e *20 anos depois*). Li e declamei poemas de Castro Alves: Auriverde pendão da minha terra / Que a brisa do Brasil beija e balança / Estandarte que à luz do céu encerra / As promessas divinas da esperança. - Navio Negroiro); Oh! Bendito o que semeia / Livros... Livros à mão cheia / E manda o povo pensar / O livro, caindo n'alma / É germe – que faz a palma / É chuva – que faz a mar. De Gonçalves Dias: “Não chores, meu filho / Não chores que a vida / É luta renhida / Viver é lutar / A vida á combate / Que os fracos abate / Que os fortes os bravos / Só pode exaltar. - “Canção do tamoio” – Tu choraste em presença da morte / Na presença de estranhos choraste / Não descende o covarde do forte / Pois choraste, meu filho não és. – I Juca Pirama)

2. Como e quando você descobriu seu interesse pela literatura fantástica e decidiu registrar sobre os fatos históricos e insólitos anajatubenses?

Quando comecei a escrever sobre fatos insólitos ouvidos de pessoas mais velhas de Anajatuba, criei um personagem que procurei transformar em “*meu guia*” — o Merlin — a quem eu creditava as coisas extraordinárias que me encantavam e que nasciam das tradições do povo de Anajatuba.

3. Seu repertório é vasto e diverso, percorrendo os trajetos da poesia, dos contos fantásticos, das crônicas, da história e da geografia anajatubense. Conte-nos um pouco como é escrever sobre temas tão distintos. Também gostaríamos de conhecer como foi o processo de construção da poesia que posteriormente foi escolhida para representar a cidade como seu Hino.

Conforme falei em outra ocasião, ao deparar-me com atos da nossa história política citados pelas pessoas que eu procurava, abandonei o fantástico que vinha escrevendo

para priorizar a investigação de nossa história. Isso devido à influência da escritora Mundinha Araújo, na época Diretora do Arquivo Público do Estado do Maranhão, que me orientou na busca dessas informações, embora continuasse a valorizar o fantástico que nascia da boca do povo.

Residindo no interior do Estado de Pernambuco, comecei a alimentar o sonho de voltar para minha terra. Na época estava escrevendo o livro de poesias *Ganzola*, no qual escrevi um poema que designei *Hino ao 130º aniversário de Anajatuba*, mas não me passou pela mente a ideia de transformá-lo no hino na cidade

Na minha trajetória de funcionário do Banco do Brasil, trabalhei na cidade de Regeneração (PI) onde tornei-me amigo da Profa. Socorro Santana, que me pediu permissão para musicar a poesia, o que muito me agradou.

Anos depois, já residindo em Itapecuru-Mirim (MA), promovi um evento em Anajatuba e o maestro José Santana, que ouviu a gravação, executou a música que começou a ser chamada de *Hino de Anajatuba*, o que gerou alguns problemas, até surgindo alguém que, a pedido de um político, escreveu outro hino da cidade. Entretanto, o meu poema já estava na memória do povo e era até cantado nas escolas. Mas somente no ano de 2006, o Prefeito Nilton da Silva Lima Filho encaminhou à Câmara Municipal um projeto de Lei que estabelecia o poema como Hino de Anajatuba, que foi transformado na Lei nº 219/2006 de 20/06/2006.

4. Como você equilibra elementos mágicos com a realidade em suas narrativas ao construir os mundos em suas histórias? Existe algum ritual ou hábito para o momento da escrita? Se possível, compartilhe o processo de criação de suas personagens.

Não existe mágica. Poucos são os personagens fictícios que utilizei nos meus contos. A quase totalidade dos personagens são pessoas da cidade que me contaram fatos que diziam ser reais.

5. Em sua trajetória de vida bem como de escritor do fantástico, teve algum acontecimento que se assemelhe a um possível conto fantástico?

Sim. Talvez sob a influência das luzes caminheiras, certa vez experimentei o fato descrito no livro *Os Fantemas do Campo – Vol. 1*, com o título de *A volta do mestre*. Na minha caminhada para meu sítio vi surgirem ao longe, duas luzes que vinham em minha direção em uma velocidade que tive de afastar-me do caminho para que passassem, mas as luzes se apagaram uns 70 metros e depois voltaram a acender e caminharam com a mesma velocidade em sentido contrário. O fenômeno tornou a surgir e eu tive que retornar do meu caminho até encontrar uns vizinhos que estavam voltando para casa e eu os acompanhei.

6. Existe alguma obra dentre as que você escreveu que seja a sua favorita e por quê? Que sugestão você dá para os atuais e futuros leitores de suas obras, bem como para os escritores aspirantes no gênero fantástico?

Embora o livro *Santa Maria de Anajatuba* seja mais requisitado pelos pesquisadores, *Os Fantemas do Campo* foram decisivos na minha trajetória, pois as pessoas passaram e me

identificar com os fatos ali retratados. Se tivesse que escolher, escolheria *Os Fantasma*s. Sempre aconselhei os novos a escreverem com a sua visão mais profunda.

Alguns anos depois recebi dois livros escritos pelo anajatubense Emir Prazeres (*O amuleto milagroso* e *O sabiá e Santo Antonio*) e constatei que esses relatos fantásticos já haviam sido explorados com maestria.

7. Ao escrever, você espera transmitir algo através de suas histórias? Existe alguma mensagem ou tema central? Como você vê a relação entre a literatura fantástica e as questões sociais contemporâneas?

Sim. Considero a minha cidade esquecida pelos próprios moradores e pelos poderes públicos. Embora seja considerada “o portão de entrada” da Baixada, poucas são as referências que lhe são feitas nesse sentido. Espero, então, que as minhas histórias fantásticas despertem a atenção de todos para os seus mistérios, o que realmente vem acontecendo. Este fato despertou também o interesse dos nossos conterrâneos para as questões sociais de hoje.

8. Atualmente a Literatura Fantástica tem sido amplamente difundida. A que você atribui este destaque experimentado pela literatura fantástica hoje em relação ao espaço que a mesma tinha no passado? Há algum aspecto da escrita fantástica que você considera particularmente desafiador?

Realmente a literatura fantástica tem sido muito difundida, mas é uma questão do olhar que a ela dirigimos, pois a maioria das grandes obras de renomados escritores não deixam de ser fantásticas. Lembro Júlio Verne e Exupéry como exemplos. O maior desafio de hoje é encontrar temas que não tenham sido explorados por eles.

9. Qual sua visão quanto às novas formas de literatura (*e-books*, *fanfics*, *audiobooks*, *booktubers*, etc)? Na sua opinião, onde estas novas formas de apresentação da literatura nos levarão?

A princípio me preocupei com esses modismos, entretanto, só afetam as pessoas que leem sem ter em mente a busca do conhecimento. O livro será sempre o livro, embora observemos muitas opiniões que falam da sua inutilidade hoje.

10. Como você acha que a literatura fantástica evoluirá nos próximos anos? É possível manter a originalidade em um gênero tão vasto e tão explorado?

Vivemos uma eterna luta entre o fantástico e o científico. O fantástico tem sido muito explorado até pelas razões a que me referi acima. Mas o mundo continua precisando de sonhos, embora a ciência seja também importante.